

Imprensa Nacional  
Biblioteca Machado de Assis



B0024011

F  
627.12  
N935



**CÂMARA DOS DEPUTADOS**

MANOEL NOVAES  
Deputado Federal

# A BARRAGEM DE SOBRADINHO E O DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

Discurso proferido na sessão  
de 5 de julho de 1971

F 328.32  
N935b

TAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL  
Brasília — 1971



**CÂMARA DOS DEPUTADOS**

MANOEL NOVAES  
Deputado Federal

**A BARRAGEM DE SOBRADINHO  
E O DESENVOLVIMENTO DO  
NORDESTE**

Discurso proferido na sessão  
de 5 de julho de 1971

300 240 11 A

F 328.32  
N 9356





CÂMARA DOS DEPUTADOS

MANOEL NOVAES  
Deputado Federal

A BARRAGEM DE SOBRADINHO  
E O DESENVOLVIMENTO DO  
NORDESTE

Discurso proferido no Senado  
de 5 de julho de 1971

DEPARTAMENTO DE IMPRESSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
F254	18/11/71

**O SR. MANOEL NOVAES:**

Sr. Presidente, Srs. Deputados, esta legislatura vem-se caracterizando pela análise e debate dos grandes problemas brasileiros, sejam sociais, sejam econômicos, sejam políticos. Tal diretriz parlamentar, seguida por novos e antigos Deputados e Senadores, parece-nos menos uma opção conjuntural, do que sobretudo a forma escolhida de uma participação mais ativa e sensível do Parlamento no processo do desenvolvimento nacional, acelerado pela Revolução de 1964. Por esta razão, fazendo cõro com os colegas, ocupo hoje esta tribuna com o propósito de reabrir o debate sobre um tema de profundo interesse regional, tema atual como nunca, qual seja, o da construção da barragem de Sobradinho no rio São Francisco.

Minha atitude se inspirou nas palavras que, emocionado, ouvi do Ministro Costa Cavalcanti durante a conferência que sobre a política de integração nacional proferiu a 1ª de julho no II Seminário de Dirigentes de Empresas de Energia Elétrica, patrocinado pela ELETROBRÁS. Na sua excelente exposição, declarou enfaticamente que o Ministro Dias Leite, das Minas e Energia, para que a CHESF eleve sua produção de energia a níveis exigidos pelo desenvolvimento do Nordeste nesta década, pensa, ou melhor, está decidido a construir a Barragem de Sobradinho.

Ainda também o Dr. Mário Bhering, ilustre Presidente da ELETROBRÁS, órgão que com tanta eficiência comanda a política energética do Ministério das Minas e Energia e seu porta-voz naquela reunião, adiantou, numa comunicação recebida entusiasticamente, que em recente viagem aos Estados Unidos pleiteou e discutiu com o BID vários empréstimos para financiamentos dos programas de energia do Brasil e, dentre estes, um destinado a Sobradinho. Sob o impacto de tão importantes pronunciamentos, falei pessoalmente com o Ministro Dias Leite. Na sua admirável simplicidade de homem de Governo, que sabe o que quer e sabe para onde vai, que tem a lúcida capacidade de escolher entre o que é urgente e inadiável para o desenvolvimento nacional, que concilia as concepções do técnico com os vivos sentimentos do patriota, declarou-me, tranquilo, o Sr. Ministro Dias Leite, que, uma vez



conte com os recursos externos e internos previstos, iniciará a construção da barragem de Sobradinho em fins de 1972.

E' a vitória da política de integração nacional, com o objetivo precípuo de corrigir desníveis económicos e desigualdades sociais reinantes nas várias regiões do País e tal qual iluminadamente pensa, prega, age e realiza o benemérito Presidente Médici.

*O Sr. Marcelo Linhares* — Nobre Deputado Manoel Novaes, no momento em que V. Exa. reabre o tema da construção da barragem de Sobradinho, eu me recordo dos discursos que li, nos Anais desta Casa, em que V. Exa. abordava o problema Sobradinho, já há muitos anos. Lembro-me do esforço de V. Exa. quando da construção de Três Marias, no sentido de que ficasse logo estatuído que essa obra se faria sem prejuízo da futura barragem de Sobradinho. V. Exa. representou esta Casa na inauguração da barragem de Três Marias e lá, em documento histórico, firmou o ponto de vista nosso, dos nordestinos, em relação a Sobradinho. Quando vejo V. Exa., na tribuna desta Casa, reabrir o problema de Sobradinho, sinto, com felicidade para nós nordestinos, que teremos em V. Exa. um defensor dessa causa, que não é apenas da Bahia, mas de todo o Nordeste brasileiro.

O SR. MANOEL NOVAES — Deputado Marcelo Linhares, incorporo ao meu discurso o brilhante aparte de V. Exa. que, sinceramente compreende o valor de Sobradinho para o desenvolvimento do Nordeste, e nesta hora deve traduzir, com toda a segurança, os sentimentos de todo o povo do Nordeste.

Vou prosseguir, Sr. Presidente, e no curso destas minhas considerações talvez tenha oportunidade de repetir aqui aquilo que foi lembrado por Marcelo Linhares: a nossa posição no problema Três Marias.

*O Sr. Homero Santos* — Nobre Deputado Manoel Novaes, passaram-se muitos anos das vezes em que ao ouvir qualquer referência ao São Francisco vinha logo à lembrança a figura de V. Exa. Falar no rio São Francisco e esquecer Manoel Novaes não seria falar do rio da integração nacional. O que esse rio realmente representa para o País e principalmente para nós, mineiros, deve englobar, dentro de qualquer afirmativa, a figura de V. Exa., como o homem que de fato tornou o São Francisco o verdadeiro rio da integração nacional. E' com muita alegria, nobre Deputado, que eu, um dos novos Deputados por Minas Gerais, o aparteio, louvando-o, pelo muito que representa para mim, para o povo mineiro, e para os políticos mineiros, pelo muito que fez por aquela região, por Minas, pelo Brasil todo. Parabéns, nobre Deputado.

O SR. MANOEL NOVAES — Deputado Homero Santos, flôtenho palavras para agradecer a V. Exa. pelo que disse em nome de Minas Gerais. O grande estímulo que encontrei na luta pelo São Francisco, ao lado do apoio da Bahia e de Pernambuco e de Alagoas e Sergipe, partiu justamente do seu grande Estado. Em toda aquela minha tormentosa peleja, em nenhuma oportunidade Minas Gerais me faltou. Nesta hora de grandes decisões para o São Francisco, quando o Governo Federal, tendo à frente o Presidente Médici, procura solucionar os problemas básicos, da nossa região, sinto-me feliz por ter ao meu lado, uma vez mais, os homens de Minas Gerais.

*O Sr. Nina Ribeiro* — Deputado Manoel Novaes, inicialmente quero pedir escusas a V. Exa. por interromper a sua brilhante oração. Mas vim a esta Casa habituado a admirar a distância o vulto de V. Exa., o seu passado de lutas, de glórias e conheço-o também como um estudioso profundo dos problemas brasileiros. Embora a Guanabara não tenha a dizer de perto com o rio São Francisco, interessa-nos êle muitíssimo, como bom brasileiro que somos. E' que observamos naquele Estado, também, o progresso de toda uma região. E não é possível falar no rio São Francisco sem nomear o trabalho e a dignidade do esforço de V. Exa., razão pela qual, na exiguidade deste aparte, rendo-lhe minhas homenagens pela profundidade do seu estudo e pelo seu patriotismo. Muito obrigado.

O SR. MANOEL NOVAES — Deputado Nina Ribeiro, jovem e brilhante representante da Guanabara, recebo suas palavras como uma demonstração da aliança existente — e que não pode desaparecer — entre as gerações do passado e as gerações do presente. As responsabilidades se dividem bem. Somos todos patriotas -- assim o entendemos. Nesta hora em que falo sobre o São Francisco e seus mais vitais problemas, a Guanabara está bem perto de mim e daquele rio. Foi no belo cenário carioca que, em 1946, pela primeira vez na História deste País, coloquei o rio São Francisco na Constituição. Foi à base da Constituição de 1946 que se realizou essa grande obra que aí está a desafiar o futuro e a alimentar todos os sonhos de grandeza deste País, que inspiram o Sr. Presidente da República.

Sr. Presidente, Sobradinho é assunto desde o Império. Em 1879 — vai fazer um século — Milner Roberts chefiava a Comissão Hidrográfica do São Francisco, que a estudou pela primeira vez. Em 1883, Peixoto Amarante, chefiando outra Comissão, iniciou os melhoramentos recomendados por Milner Roberts, nas corredeiras, com o objetivo de assegurar a navegabilidade do rio naquele trecho. Esquecido por decênios, somente em 1932 o Governo Provisório criou a Comissão da Rede Fluvial Baiana, com o



encargo principal de restaurar as obras realizadas por Peixoto Amarante nas corredeiras de Sobradinho. Essa Comissão foi mais tarde transformada no 10º Distrito de Portos, Rios e Canais, sob a chefia do engenheiro Paulo Peltier, que, no Governo Eurico Dutra, fincou as estacas e construiu a barragem eclusada de Sobradinho, obra pioneira do gênero em todo o São Francisco. A pequena barragem, fechando apenas o braço esquerdo do rio, formou um lago que afogou inteiramente as corredeiras a montante. Assim, foi vencido o maior obstáculo à navegação, na parte navegável do médio São Francisco, entre Pirapora, Juazeiro e Petrolina. Seu êxito, porém, durou pouco. Pelos idos de 1953, as águas de uma grande encrente cortaram ao meio a ilha, na qual se enraizara a ombreira direta da barragem, interrompendo a navegação e inutilizando-a para sempre.

Até aqui Sobradinho tem uma história escrita por Engenheiros que só encararam a famosa corredeira pelo ângulo da navegabilidade e da navegação fluviais. Já nessa altura estava em marcha o projeto executivo de Três Marias, a primeira e efetiva barragem de regularização do rio São Francisco.

Em 1955, decidida a sua construção, Assis Scaffa, então Superintendente da Comissão do Vale do São Francisco, na alternativa entre a restauração da antiga barragem eclusada e a construção de uma nova e grande barragem no São Francisco em Sobradinho, optou por esta solução. Seria então a segunda barragem de regularização do rio São Francisco, certo seu problema número um, aplicando-se na obra os critérios prevaletentes em Três Marias, isto é, construção de uma barragem destinada à utilização múltipla das águas do rio Providencial.

Em janeiro de 1961, inaugurava-se Três Marias. Naquela solenidade, fui o orador oficial da Câmara dos Deputados. Daquele discurso destaco e releio alguns períodos que ilustram bem, quão avançada e madura já estava naquela época a ideia da construção da barragem de Sobradinho.

Dizia eu em 1961:

"Paulo Afonso e Três Marias, nos extremos do Rio São Francisco, como suporte de uma nova estrutura econômica regional, requerem, para seu pleno rendimento, a imediata construção da barragem de Sobradinho, cujos efeitos sobre a economia da Bahia, Pernambuco e dos Estados Nordestinos é só comparável a Paulo Afonso.

Este tripé poderoso, representado por Paulo Afonso, Três Marias e Sobradinho, nos dará a segurança integral de que o rio São Francisco corresponderá às esperanças

de nossa terra, cujo destino, mercê de Deus, é assegurar abundância, prosperidade e felicidade à nossa gente, libertada dos temores das inundações e secas alternativas e dos consequentes êxodos rurais que tanto mal nos causam, com o despovoamento regional.

A barragem de Três Marias ora pronta, e a de Sobradinho, cuja construção deverá ser iniciada no exercício corrente, assegurarão uma reserva utilizável de cerca de 45 bilhões de metros cúbicos d'água, mais que suficiente para garantir a irrigação das terras marginais, desde o Alto, ao Médio e Baixo São Francisco, com reflexo imprevisível em toda economia nordestina e como dique de contenção das ondas migratórias dos Estados do Vale, além de propiciar a segura regularização de todo curso do rio.

A energia produzida nas Centrais Elétricas de Paulo Afonso, Sobradinho e Três Marias, distribuídas através de um sistema conjugado de linhas de transmissão, ensejará pela primeira vez no Brasil, em rio de tão extenso curso, a formação de uma torrente uniforme, harmoniosa e única de energia, para industrialização e eletrificação rural do Vale e áreas vizinhas, atendendo, destarte, ao progresso de oito Estados federados, e fiel portanto ao espírito popular que cognominou o São Francisco de Rio da Unidade Nacional.

*O Sr. Milton Brandão* — Nobre Deputado, desde quando me iniciei na Câmara dos Deputados venho acompanhando o esforço de V. Exa. pelo rio São Francisco, ou seja, pelo aumento da construção de barragens naquele rio. Recordo-me que V. Exa., grande pioneiro pela construção da barragem de Paulo Afonso, ainda se batia pela construção da barragem de Sobradinho, para completar aquela obra. Os documentos que V. Exa. acaba de ler positivamente o seu esforço, àquela época, em prol dessa barragem. V. Exa. se batia pela construção da barragem de Sobradinho, completando a barragem de Três Marias, para que as duas pudessem regularizar o regime do rio São Francisco, melhorando sua navegabilidade e ampliando o seu potencial hidrelétrico. V. Exa. foi um vitorioso, porquanto, agora, certamente, nos está trazendo a notícia de que aqueles trabalhos serão iniciados nos próximos dias. Ouvi do Sr. Ministro Costa Cavalcanti a afirmação de que V. Exa. tinha sido vitorioso na sua ideia, que a opção da construção de mais uma barragem no rio São Francisco seria Sobradinho. Embora tendo chegado há pouco a este plenário, não tendo ouvido o início do seu brilhante pronunciamento, estou certo de que as suas palavras são fundamentadas num es-



forço e num estudo de muitos anos, porque V. Exa., sendo um homem da região, sendo um homem capaz, sendo um grande Deputado, um homem afeito àquele meio, um Deputado defensor da sua área, está nessa tribuna, mais uma vez, para mostrar a necessidade da construção daquela barragem para preservar as águas do São Francisco que, pela estiagem, já tem dificultada a navegação, conforme tenho lido nos jornais. Quero, neste instante, congratular-me com V. Exa. pela vitória conquistada e dizer que, homens como V. Exa., na luta que tem empreendido em prol da sua região e do Brasil, muito honram esta Casa.

O SR. MANOEL NOVAES — Sr. Deputado Milton Brandão, V. Exa. disse bem que, nesta Casa, minha maior preocupação foi sempre o bem-estar do homem de minha região. Daí o esforço que empreguei pelo desenvolvimento da Bahia, desde o São Francisco a todo o seu sertão. Iniciativas como as do São Francisco já se refletem em todo o Nordeste Brasileiro e deram oportunidade a que Paulo Afonso fosse construída. V. Exa. sabe muito bem o que é ser o intérprete de uma região, o quanto isso representa de sofrimentos e vicissitudes, porque V. Exa. as experimentou ao defender o seu Parnaíba e a obra fundamental ao desenvolvimento daquela região, que é Boa Esperança. Portanto, com todas essas amarguras, creio que tanto V. Exa., como eu, estamos muito bem recompensados pelo que fizemos.

O Sr. Luiz Braga — Nobre Deputado Manoel Novaes, venho testemunhar o prazer que sinto ao ouvir V. Exa. mais uma vez discorrer sobre assunto referente ao Vale do São Francisco e aos seus problemas, que sempre foram uma constante, na ação de V. Exa. nesta Casa. Tendo já constatado, não só na Bahia, como em Pernambuco e Minas Gerais, o que produziu o profícuo trabalho exercido por V. Exa., acho por bem trazer, nesta oportunidade, uma sugestão ao Ministério dos Transportes que, pediria, fosse incorporada ao seu discurso. Nesta ocasião em que o São Francisco vem sofrendo, sobremodo, pelo declínio das suas águas, gostaria de sugerir ao Ministro dos Transportes o estudo da possibilidade de se implantar o transporte baseado nos barcos que usam colchões de ar, os *over-craft*. Como o Governo da Bahia pensou em utilizá-los na região costeira, julgo que o seu uso no rio São Francisco talvez viesse a minorar as dificuldades do transporte convencional. Com o espírito de estudo que o caracteriza, V. Exa. há de desposar essa ideia que será por certo levada ao Sr. Ministro. É uma solução que embora lançada sem fundamentação, de futuro poderá resolver bastante os problemas do rio São Francisco.

O SR. MANOEL NOVAES - - Agradeço de coração as palavras, que muito me sensibilizou, do Deputado Luiz Braga,

velho companheiro que sempre colaborou comigo, se não diretamente na condução deste problema, dando-me o apoio de que eu precisava na Bahia, para que, fortalecido politicamente, pudesse jogar a cartada do São Francisco. Registro o aparte do Deputado Luiz Braga com alegria, acolhendo sua solicitação de levar ao Sr. Ministro Mário Andreazza a sugestão da aquisição de *over-craft* para uso no rio São Francisco, quando ele se acha com uma vazante, segundo dizem, sem precedente em toda a sua história. É realmente uma solução valiosa para a conjuntura. Não haverá tempo certamente para o Ministro dos Transportes adquirir esse material para a crise atual, mas será providência que no futuro tornará mais rápida a comunicação em todo o médio São Francisco.

No continuar do meu discurso V. Exa. encontrará razões que convencem a qualquer um de que, se depois da construção de Três Marias, houvessem construído Sobradinho - - que agora o Presidente Mediei, por intermédio do Sr. Ministro Dias Leite, vai concretizar — nenhuma crise haveria na navegação do médio ou do baixo São Francisco, onde as dificuldades são idênticas. Construída Sobradinho logo depois de Três Marias, consoante os compromissos daquela ocasião, certamente as angústias de agora seriam menores.

Na qualidade de Relator do projeto do Plano Geral do São Francisco, sancionado pelo Presidente Café Filho em 1955, recordo-me que, para vencer as últimas resistências dos outros Estados são-franciscanos à construção de Três Marias, fui levado a incluir um artigo naquela lei, o de nº 6, no qual figura a autorização de comprometer até 0,4% dos recursos constitucionais em empréstimo interno e externo a fim de se construir Três Marias e as obras subsequentes para a regularização do rio.

No curso da minha exposição, verá V. Exa. que Sobradinho não surgiu por acaso, mas foi a sequência lógica e natural, o desdobramento imediato de Três Marias, ambos destinados a promover a regularização do Rio São Francisco.

Prossigo, Sr. Presidente.

Tudo parou em 1963, apesar de o anteprojeto da Barragem de Sobradinho, elaborado pelas empresas nacionais de Engenharia LASA e TECNOSOLO, haver sido entregue à Comissão do Vale do São Francisco naquele ano, por força de contrato.

A 26 de julho de 1967, o Presidente Costa e Silva, pelo Decreto nº 61.076, instituiu uma subcomissão interministerial de estudos para utilização múltipla do rio São Francisco. A partir daí, a questão tomou novo rumo. Qual a nessa surpresa quando, no mesmo ano em que o Presidente Costa e Silva criava essa co-



missão, vimos surgir a ideia, fortemente amparada, de abandonar Sobradinho para construir a barragem na cachoeira de Itaparica.

Nessa ocasião fiz, desta tribuna, um pronunciamento de combate a Itaparica e a favor de Sobradinho, de acordo com o Ministro Costa Cavalcanti, defensor desta tese. e que, no seu discurso de posse, como titular da Pasta das Minas e Energia, assim se expressou:

"Eis por que não escondo a minha simpatia a tudo quanto se faça para o enquadramento da represa de Sobradinho numa triplíce finalidade: irrigação, navegação e geração de energia".

Sr. Presidente, a solução Itaparica foi laboriosamente afastada. Essa barragem projetada em dimensões gigantescas seria a obra mais maléfica que se poderia construir entre Bahia e Pernambuco. Os dados técnicos sobre Itaparica constam de meu discurso de 1967, no qual demonstrava que, sob qualquer ângulo que fosse examinada, impunha-se seu adiamento a fim de prevalecer a solução Sobradinho, obra já com anteprojeto concluído.

Superado o problema Itaparica, vem à tona a barragem do rio São Francisco a jusante da foz do rio Moxotó, ora em execução.

Vejamos o que diz sobre ela o relatório do Dr. Apolônio Sales, em 1970.

"É uma barragem que armazenará um bilhão de m<sup>3</sup> de água, volume necessário para regularizar plurissemanalmente o rio São Francisco e para a instalação de 400 megawatts no próprio local da nova barragem".

Esta barragem não tem a função de regularizar o São Francisco, e sim a de, aproveitando a descarga de Três Marias, propiciar à CHESF maior aproveitamento de Paulo Afonso. Barragem, portanto, que só atende ao setor de energia.

Moxotó, ao invés de invalidar, torna imperativa a construção de Sobradinho, ambas indispensáveis ao complexo energético de Paulo Afonso.

Sobradinho reaparece a tempo, precisamente colocada dentre sua moldura pelo Ministro Dias Leite. Sobradinho será construída, especificamente, como barragem de regularização do São Francisco, tal qual Três Marias, aproveitamento múltiplo, visando os setores de energia, irrigação, navegação e proteção contra inundações das margens e seca do rio.

Explico: a barragem de Sobradinho capacitaria a CHESF a elevar a produção de suas usinas acima de três milhões de quilo-

watts; armazenaria água suficiente para os grandes projetos de irrigação no submédio e baixo São Francisco, normalizando a navegabilidade do rio e sua navegação entre Remanso e Juazeiro — Petrolina e o baixo São Francisco; impediria a inundação das cidades e terras marginais desde a barragem até a foz do São Francisco, pois, vai lembrar, Três Marias, só não aboliu as inundações do Vale; e, finalmente, Sr. Presidente, a seca do rio São Francisco, que tanta aflição está causando à região, neste momento, seria em definitivo eliminada entre Sobradinho e Penedo, porquanto a descarga do rio, controlada na barragem, seria elevada a mais de 2.000 m<sup>3</sup> por segundo. E não ouviríamos, como agora, o clamor dos ribeirinhos que não têm como transportar, pelo leito do rio, os seus produtos e, mais do que isto, perdem as suas lavouras porque os motores, elétricos ou a diesel, para irrigação, montados nas barrancas, têm suas tomadas acima do nível d'água, o que cria um impasse de difícil solução.

Ora, se a descarga em Paulo Afonso, segundo me informou Apolônio Sales, há 15 dias media 1.260 m<sup>3</sup> por segundo, não se entende o fenómeno, sobretudo quando todos sabem que a usina de Paulo Afonso, atualmente a pleno rendimento de 615 KW, foi projetada na base da descarga mínima do rio em 800 metros cúbicos por segundo. Portanto, tudo isso que está ocorrendo desde Penedo até Juazeiro-Petrolina jamais ocorreria depois de construída Sobradinho. Analisando melhor a conjuntura, digamos, a CHESF está neste instante diante de um dilema ou expande as instalações, aumentando a capacidade geradora de Paulo Afonso, ou a economia do Nordeste, a curto prazo, entrará em colapso.

Para que a Casa tenha conhecimento da verdadeira situação, reproduzo, aqui, as palavras de Apolônio Sales no relatório da CHESF de 1970:

"Está assim a CHESF procedendo no momento à conclusão da Usina III, dotada de quatro unidades de 206 MW cada uma. Começa também a realizar o programa Moxotó, constante de uma barragem armazenadora de um bilhão de metros cúbicos de água, volume necessário para a regularização plurissemanal do rio São Francisco e para a instalação de mais 400 MW no próprio local da nova barragem.

Ao término do programa Moxotó, e ao concluir-se a Usina III, a potência elétrica instalada à disposição do Nordeste será da ordem de dois milhões de KW. Esse potencial não dispensará o prosseguimento do plano de expansão, condicionado à construção] do que já se apelidou de "barrajão", isto é, a grande barragem armazenadora de água para a regularização definitiva do rio".



O "barrajão" de que fala Apolônio Sales é, sem dúvida alguma, a barragem de Sobradinho.

O Sr. *Theódulo de Albuquerque* - - Nobre Deputado, eu o conheço nesta Câmara desde 1946. V. Exa. é de fato um grande estudioso e o maior conhecedor dos problemas do Nordeste e do São Francisco. Foi da sua iniciativa emenda ao Projeto Constitucional de 1946, que, aprovada, passou a ser o art. 29 do Ato das Disposições Transitórias. Tudo isto que está citado agora, numa previsão muito antecipada, V. Exa. anunciou no primeiro discurso que fez naquela primeira Constituinte, no dia 26 de junho de 1946. Infelizmente, as obras não foram continuadas. Agora, não. Temos um Governo revolucionário inteiramente dedicado à continuidade de projetos. Lembra-se V. Exa. muito bem da luta titânica que tivemos de enfrentar para que se fizesse Paulo Afonso. Travamos outra grande batalha para que fosse construída a barragem de Três Marias. Enfrentamos pareceres, não de técnicos, mas de homens influentes do Governo, contrários àquela obra, que se justificava sobretudo para a regularização do rio. Entretanto, condicionou-se a construção da barragem ao fornecimento de energia. Esta é a causa do drama que estamos vivendo: construiu-se Três Marias não para regularizar o São Francisco, mas para transformar a barragem apenas em usina fornecedora de energia. Mas, Sr. Deputado, não é este o grande pecado, mas, sim, o fato de não se ter levado avante o projeto da construção de barragens complementares nos afluentes do São Francisco. Na Europa e nos Estados Unidos existe o degelo das montanhas, que não permite a queda do nível dos rios. No Nordeste tal não se dá, o que torna necessário o estudo sério de construção de barragens complementares nos afluentes. Isto evitaria esse drama, que tende a aumentar a cada dia. Era o que desejava dizer a V. Exa.

O SR. MANOEL NOVAES — Nobre Deputado Teódulo de Albuquerque, V. Exa. tem grande parte nessa história. Não é minha intenção, neste discurso, referir-me às origens do desenvolvimento do São Francisco; entretanto vale lembrá-las. Fui o primeiro signatário da Emenda n° 179, ao Projeto Constitucional de 1946, que, aprovada, passou a ser o Artigo 29 do Ato das Disposições Transitórias. O segundo signatário desta emenda foi Otávio Mangabeira, o terceiro Juracy Magalhães, e o quarto V. Exa., então Deputado, como eu, jovem e cheio de idealismo, nascidos ambos sob a influência magnética daquele São Francisco que nos serviu de berço e sentindo na carne toda a tragédia que esmagava nossa gente e a razão de ser de nossa luta em defesa da região. Não fosse a presença do S. Francisco na Constituição de 1946, e, confesso, tão cedo não teríamos Paulo Afonso, não obstante a formidável vitória de Apolônio Sales criando a CHESF

em outubro de 1945. Efetivamente Paulo Afonso teve sua construção iniciada e paga durante quatro anos com os recursos que defendemos para o São Francisco na Constituição de 1946.

No texto constitucional tornamos obrigatória a elaboração de um plano de aproveitamento das possibilidades econômicas do São Francisco a ser executado em 20 anos. Pela inexistência de projetos estávamos condenados a aguardar o plano, que consumiria pelo menos 5 anos, sem benefícios para o Vale. Por isso, fomos naquela ocasião ao Presidente Dutra pedir o seu assentimento, a fim de que, sem sacrifício do plano constitucional, preparássemos uma lei disciplinadora da aplicação dos recursos orçamentários do São Francisco até o seu lançamento. Para tanto ouvimos no Palácio Tiradentes técnicos reconhecidos como as maiores autoridades em problemas da Região. À vista desses depoimentos fixamos prioridades de obras e serviços que, em qualquer tempo, fosse qual fosse o plano do São Francisco a ser elaborado, teriam de nele constar. Eis, pois, a Lei 23, sancionada pelo Presidente Dutra a 15 de fevereiro de 1947, na qual consignamos os primeiros 30 milhões de cruzeiros para iniciar a construção da usina de Paulo Afonso. Igualmente nesta Lei 23 foi lançada a verba de . . . . . 6.000.000 para iniciar a campanha da malária no São Francisco através da dedetização. O São Francisco foi o teatro da primeira experiência que se fez em matéria de dedetização no Brasil. Foi depois do retumbante sucesso desta Campanha que o Presidente Dutra realmente se entusiasmou e se convenceu de que devia chamar a si, e o fez patrioticamente, o comando da batalha pela redenção do São Francisco. E não foi apenas o formidável General-Chefe, mas um verdadeiro Pai para o São Francisco.

Eram estas coisas, nobre Deputado Theódulo de Albuquerque, que eu desejava recordar neste instante.

Sr. Presidente, permito-me ainda tecer algumas considerações a mais em torno de Sobradinho como problema regional, já que neste instante, com o apoio e o prestígio do Sr. Presidente da República, as bancadas da ARENA do Nordeste se reúnem, através da COCCENE, para estudar a problemática da Região na qual se inclui Sobradinho.

Entendo que esta é uma hora, Sr. Presidente, de convocação de nós outros, para firmemente apoiarmos a construção de Sobradinho, mais que indispensável ao desenvolvimento do Nordeste e a sua própria sobrevivência. Todos sabem que, sem Três Marias, Paulo Afonso só produziria 615 mil quilowatts. Neste instante a demanda do Nordeste já é superior. Por isso a CHESF, aproveitando a descarga de Três Marias, ora regulada entre 200 e 250 m3 por segundo, está construindo a Usina III.



A primeira e a segunda, com 615 mil quilowatts, estão em pleno funcionamento e rendimento superior a 700 mil. No próximo mês será inaugurada uma unidade de 206 mil quilowatts, *c até* fins de 1972 mais três iguais da Usina III, perfazendo ao todo cerca de 824 mil quilowatts, cuja potência, somada à das Usinas I e II, atinge cerca de 1.500 mil quilowatts, na sua carga máxima. Com esses 1.500.000 quilowatts, a CHESF disporá de energia bastante para atender ao crescente desenvolvimento do Nordeste, nos altos percentuais de 9 a 10% ao ano, como deseja e proclama o Presidente Mediei.

Falando diante de eminentes Deputados mineiros quero com isto explicar — e hoje todos o entendem — por que, no passado, defendíamos com tanto ardor a construção de Três Marias tal qual fosse eu Deputado das Alterosas. Era como uma antevisão do presente.

A Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, apoiaram a prioridade concedida a Três Marias pela Comissão do Vale do São Francisco com o compromisso de que a ela se seguisse a construção de Sobradinho. Está assim entendido no meu discurso no dia de sua inauguração. Todos somos beneficiários de Três Marias, e Minas, o maior deles, também estará hoje ao lado de Sobradinho.

Moxotó vai dar 400 mw ao pé da barragem. E é tudo. O seu reservatório de 1 bilhão de m<sup>3</sup> é para funcionamento plurisemanal. Se a CHESF se limitar a Moxotó, o progresso do Nordeste, a partir de 1975, sofrerá irremediável estagnação. O crescimento do consumo de energia do Nordeste sobe a 19%. A tendência natural é o aumento da demanda, já que as indústrias em instalação, e são centenas delas, sob a influência e assistência da SUDENE, e os recursos do 34-18, estarão até 1975 em regime de produção total. Fácil, sem dúvida, concluir que a CHESF não cumprirá seu insubstituível papel no desenvolvimento do Nordeste, se ficar sujeita, até 1980, à produção de 2.000.000 kw, das Usinas I, II e III de Paulo Afonso e a de Moxotó.

Eis por que o Presidente da CHESF, no seu relatório de 1970, pleiteia a construção do "barração" para a regularização definitiva do rio.

Certo é que, se o Ministro Dias Leite construir Sobradinho na cota 392, gabarito teto do anteprojeto Lasa-Tecnosolo, aumentando na estiagem do rio a descarga para 2.800 m<sup>3</sup> por segundo, conforme me declarou Apolônio Sales, Paulo Afonso, sozinha, terá condições de fornecer ao Nordeste 3 milhões e 600 mil quilowatts, que, somados aos 400 mil de Moxotó, e aos 770 mil da usina Sobradinho, darão ao Nordeste cerca de 5 milhões de quilowatts, poderosa alavanca do seu desenvolvimento a longo prazo. Nesta hipótese, temos de levar em conta também a repercussão desta

descarga nos futuros e grandes aproveitamentos de Orocó, Ibó, Itaparica e Xingo — no *cangam* do rio.

Sr. Presidente, quando em 1967 combati a construção da barragem da Cachoeira de Itaparica, fi-lo justamente baseado na Resolução 1.829, de 1 de setembro de 1965, da SUDENE:

"I - - Obter a plena incorporação do setor agrícola regional ao processo de desenvolvimento nacional;

II — Atender à demanda crescente de produtos alimentícios de primeira necessidade e matérias-primas básicas consideradas essenciais para o desenvolvimento do Nordeste."

Até então, Sr. Presidente, a SUDENE se aferrara a política da industrialização do Nordeste. Só a essa altura de sua experiência na região passou a admitir a ativação do setor agropecuário.

Portanto, Sr. Presidente, uma vez reconhecido que o instrumento mais válido para o desenvolvimento agrícola do Nordeste é a irrigação, seja das terras do São Francisco, seja das bacias dos açudes construídos pelo DNOCS, há de convir V. Exa. em que a barragem de Sobradinho, pela sua localização e imenso armazenamento d'água, será a mola mestra da SUDENE nessa nova etapa de sua gloriosa missão.

Conjurado o perigo da barragem de Itaparica, que afogaria todas as áreas que Pernambuco e Bahia irrigaram desde Cabrobó e Ibó até Petrolândia, cabe a Sobradinho recuperar a confiança de nossos irmãos na prosperidade almejada por todos.

A SUDENE, coordenada com a antiga Comissão do Vale do São Francisco, e a hoje SUVALE, levantaram cerca de 2.500.000 hectares no submédio São Francisco, dos quais selecionaram perto de 500 mil para irrigação. Admita-se ainda que as outras áreas postas de lado sejam pelo menos iguais às que Israel aproveita nos seus desertos. Pois bem. Sr. Presidente, como a SUDENE e a SUVALE, com o atual regime do São Francisco, poderão se engajar na execução de projetos de irrigação desse vulto, que seriam a salvação da Região? Contando com Três Marias, a descarga mínima do São Francisco atualmente orça para 1.200 m<sup>3</sup> por segundo. Até começo de setembro, só um profeta poderá afirmar que choverá nas nascentes do rio. Levando em conta as observações pluviométricas anteriores, a tendência é, pois, a diminuição da mínima.

Sr. Presidente, 500 mil hectares de terras irrigadas no submédio São Francisco dariam à Bahia e a Pernambuco renda superior à das indústrias em implantação pela SUDENE, escudada



no 34-18, porque a irrigação daquela área pode propiciar, pelas condições climáticas locais, três a quatro colheitas por ano de numerosos e rendosos produtos.

Sr. Presidente, cada hectare irrigado consome, em média, 1 litro<sup>3</sup> d'água por segundo. Então e como, sem Sobradinho, a SUDENE e SUVALE implantarão projetos de irrigação fecundando todas as terras irrigáveis do submédio São Francisco, na fronteira Bahia-Pernambuco, necessários à alimentação do Nordeste? Seriam, portanto, indispensáveis 500 m<sup>3</sup> d'água por segundo para cumprimento de tão ambicioso programa. Entretanto, 500 m<sup>3</sup> retirados do rio, cuja vazão na estiagem cai para pouco mais de 1.200 m<sup>3</sup>, mesmo com Três Marias, acarretaria a redução intolerável da produção de energia de Paulo Afonso, voltando o Nordeste ao que era antes da SUDENE, e adeus desenvolvimento. Sobradinho se impõe construída e com urgência, como equaciona Dias Leite, criando novas perspectivas de trabalho e emprego para o homem do São Francisco e do Nordeste e possibilitando a exploração em escala econômica da fertilidade e riquezas latentes nas terras ávidas d'água e não como dantes irrigadas penosamente com o suor do povo. Há mais que lembrar. Construída a barragem na cota 392, seja o anteprojeto Lasa-Tecnosolo da antiga Comissão do São Francisco, ou adote o Ministro Dias Leite outro projeto, mas no mesmo gabarito, sua acumulação será de . . . . . 37.000.000.000 m<sup>3</sup>. Esse imenso volume d'água, apesar da grande evaporação do reservatório, perdas estas compensadas pela caudal do São Francisco, dará ainda para viabilizar a construção do canal Sobradinho-Moxotó em Pernambuco, idealizado e endossado pela respeitável capacidade técnica de Eudes Souza Leão. Segundo êle, o canal irrigará cerca de 1 milhão de hectares das terras do sertão pernambucano. As bacias dos rios Jacaré e Verde, abrangendo as terras riquíssimas do Baixio de Irecê, na Bahia, já estudadas pela SUVALE, oferecem também condições excepcionais ao planejamento de grande projeto de irrigação, talvez de dimensão sem igual no São Francisco, acontecendo ainda serem as terras do Baixio de Irecê ideais para a mecanização da lavoura.

Para finalizar estas considerações, e em abono de Sobradinho, ressalte-se, ainda, que aquele volume de 37 bilhões de m<sup>3</sup> d'água, porventura confirmados, representa mais de uma vez e meia a água armazenada por Três Marias, completamente cheia, ou seja, 21 bilhões de m<sup>3</sup>, e duas vezes e meia a água represada em todos os açudes públicos, particulares e de cooperação construídos pelos IFOCS e DNOCS no Nordeste, desde 1909, ou sejam, 15 bilhões de m<sup>3</sup>. Atente-se bem para estes dados, que falam mais alto que os técnicos e este modesto orador.

Vê V. Exa., portanto, Sr. Presidente, que a obra de Sobradinho merece ser iniciada em fins de 1972, tal qual deseja e provi-

dencia o eminente Ministro de Minas e Energia, Dias Leite, consciente de sua projeção na conjuntura sócio-econômica do Nordeste.

Sr. Presidente, poderia ir mais longe. Entretanto, prefiro parar aqui.

Sinto-me, porém, feliz nesta tribuna, externando meu aplauso no descortino e arrojo do Ministro Dias Leite, e nosso reconhecimento à confirmação que me deu, de que pretende, em fins de 1972, iniciar a construção de Sobradinho, tal qual fôra anunciado no II Seminário de Empresas Elétricas, da ELETROBRÁS, pelo Ministro Costa Cavalcanti, cujo nome invoco, pelo apreço e até por sentimento de justiça. Na prolongada batalha pela construção de Sobradinho, em nenhum momento Costa Cavalcanti vacilou. Foi firme, decidido e fiel à ideia de que era a solução mais recomendável para o São Francisco e o Nordeste.

A êle também nosso reconhecimento e aplausos. Louvores também merece o Dr. Mário Bhering, Presidente da . . . . . ELETROBRÁS, ilustre mineiro que honra a engenharia nacional, que se armou em cavaleiro da Cruzada de Sobradinho.

Não tenho palavras capazes de traduzir meus sentimentos de lealdade e gratidão para com o Presidente Medici, que, embora vivendo em Brasília, através dos vidros brancos de seu gabinete no Palácio do Planalto divisa os largos horizontes da nossa Pátria. Tal a fixidez de seus olhos no que há de eterno no Brasil que, estou certo, autorizará a construção de Sobradinho, advogada por Dias Leite, com o mesmo espírito patriótico, porque não dizê-lo, missionário, que o levou a personificar a mais memorável façanha que um Presidente da República já praticou, a conquista da Amazônia, consagradora vitória da política de integração nacional posta em prática pelo Governo Revolucionário de S. Exa., com acerto, modéstia, sinceridade e sem demagogia.

Sobradinho realizado, é mais uma roupa nova com que S. Exa. veste de esperança a seminez do Nordeste. No peito de S. Exa. bate um coração telúrico. Coração que palpita em sintonia com a beleza, bucolismo e pujança dos pampas, das matas, dos serrados, das caatingas, dos pantanais, das montanhas, dos rios, dos mares, retrato ao vivo da terra brasileira! S. Exa. declarou recentemente que é chegada a hora do Nordeste e o demonstrou, ali comparecendo durante a recente seca justamente no momento mais angustiante por que passou aquele povo. E o Sr. Presidente da República, tocado em seus sentimentos cristãos, deu aos nordestinos a maior prova pública de solidariedade humana jamais recebida de um Presidente.



A bandeira de Sobradinho foi alçada ao t<sup>o</sup>po do mastro pelo Ministro Dias Leite. A Bahia, Pernambuco e o Nordeste, já devem ao Presidente, o que não podem pagar.

Confiados, porém, em sua grande sensibilidade e amor às causas do povo, convocamos o nosso Presidente para que nos diga: "Não é apenas a hora do Nordeste, mas também a hora do rio São Francisco". (*Muito bem, muito bem. Palmas. O orador é cumprimentado.*)